



**Simpósio temático 3**  
**SERTÕES, CIRCULARIDADE CULTURAIS, TRAJETÓRIAS E ESCRAVIDÃO NA**  
**AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI AO XIX**

**Coordenadores:**

Profa. Dra. Isnara Pereira Ivo

Prof. Dr. Marcos Profeta Ribeiro

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Santos de Sousa

Data/Local/horário: 17 de novembro, Auditório Mód. IV, 14 às 17 horas

**VITALINO/LAMPIÃO: NOTAS SOBRE A ARTE POPULAR E O MERCADO**  
**NO SERTÃO**

**Ronny Vieira Brayner**

Mestrando em Memória: Linguagem e Sociedade/Uesb

**Milene de Cássia Silveira Gusmão**

Doutora em Ciências Sociais pela UFBA

Professora do Curso de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Uesb

“No princípio era o mito a povoar a consciência de todos, só depois vem a ação que deve fixar no barro a forma desse mito”, através dessa narração tem início o documentário “Vitalino/Lampião”, lançado em 1969, pelo cineasta baiano Geraldo Sarno. A frase inicial refere-se ao trabalho de Manuel Vitalino dos Santos, filho do histórico ceramista nordestino conhecido como Mestre Vitalino. Assim como o pai, o filho dedica-se a produção de artesanatos como forma de sobrevivência, sendo figuras míticas do sertão, como Lampião, referências para as criações de bonecos de barro. O documentário acompanha *in loco* a produção artística, mostrando passo a passo o trabalho do artesão que explica o ciclo da sua arte em um trabalho manual que passa pelo processo de transformar o barro de telha em um boneco. Esse registro do processo artesanal, aliado ao depoimento de Manuel Vitalino, traz reflexões importantes entre a arte

e o consumo no sertão do final da década de 1960. O documentário aborda o conflito entre práticas tradicionais do sertão, como as produções manuais de cerâmicas, e as mudanças geradas pelo capitalismo com a invasão de produtos manufaturados nas cidades do interior do Nordeste. Esta tensão é demonstrada principalmente no momento em que o documentário acompanha Manuel Vitalino indo até a feira de Caruaru, no sertão de Pernambuco, buscando comercializar a sua arte. Na feira, Manuel reclama que a situação da venda dos bonecos de barro é péssima. O artista afirma que assim como ele outros artesãos acabam mantendo a prática apenas como tradição, mas que a cada dia o ofício tornava-se mais difícil pela falta de retorno financeiro. Através de imagens e relatos do artesão o documentário passa a sensação de estarmos acompanhando uma tradição com risco de extinção, tendo em vista a iminente expansão do capitalismo. O narrador do filme conclui a obra com a triste observação da possibilidade do extermínio de uma tradição popular, ao mesmo tempo que valoriza o homem do sertão pela sua característica de luta contra as imensas dificuldades que o rodeiam: “O artista popular não sabe que é tarde demais, que o seu produto popular terá cada vez menos lugar no novo mercado. No entanto, sua vida como sua obra são testemunha de uma consciência trágica que não se entrega.”

**Palavras-chave:** sertão, arte e consumo.

## **FILHOS NATURAIS NO SERTÃO DA RESSACA, SÉCULO XIX: ANÁLISE DO TESTAMENTO DE SILVÉRIO JOAQUIM DA SILVA**

**Fernanda Cordeiro Santiago**  
Graduanda em História - Uesb

O trabalho aqui apresentado baseou-se em analisar a descrição dos filhos naturais em testamentos de famílias sertanejas do Sertão da Ressaca no século XIX. Utilizando da micro-História para construir elaborações culturais históricas, envolvendo a delimitação do espaço e formas de sociabilidade, pretendo investigar o testamento de Silvério Joaquim da Silva, correspondência do Arquivo Público do Estado da Bahia/CEREMH, ao passo que o relaciono com o livro “A Conquista do Sertão da Ressaca: processo e posse da terra no interior da Bahia” (SOUSA, 2001). Com base nos dados da obra, observa-se que muitos padrões familiares poderiam ser definidos com base nas especificidades de determinada região, por exemplo através das atividades produtivas e centros urbanos. Tais características influenciavam diretamente na organização familiar e no comportamento de homens e mulheres. Isto é, relacionamentos mais estáveis estavam muito associados com a permanência do casal em áreas de agricultura, pois possibilitavam uma estadia mais segura e prolongada, diferentemente de atividades mineradoras, na qual eram assentadas em zonas de passagem. Os herdeiros concebidos fora do casamento eram, na maioria das vezes, inferiorizados em relação aos filhos legítimos. A comprovação se dava pela quantidade de filhos naturais que só recebiam sua herança após ser assegurado o direito dos legitimados. Porém, é capaz de observar

que alguns filhos fruto de relacionamentos extraconjugais eram reconhecidos no testamento. Este é o caso de Silvério Joaquim da Silva, casado com Raimunda Gonçalves da Costa, que, em seu estado de solteiro, teve dois filhos fora do casamento e reconheceram os dois como seus herdeiros legítimos — testamento que examinaremos com maior importância neste presente estudo.

**Palavras-chaves:** Testamento, Filhos Naturais, Herdeiros.

## **“REDUZIDOS A PARDOS”?: AS CATEGORIAS DE DISTINÇÃO SOCIAL E PROJETO DE MODERNIZAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL (BRASIL/SERTÕES DA BAHIA, SÉCULOS XIX- XX)**

**Ocerlan Ferreira Santos**

Mestre em Memória- Uesb

Professor de História do Ensino Médio da Rede Pública da Bahia

Como nota de pesquisa, esta comunicação analisa o processo de “epistemologização das mestiçagens” a partir de teorias racialistas do final do século XIX e início do XX atrelada a um projeto de modernização e constituição de uma identidade nacional. Partindo da perspectiva da história comparada e conectadas propostas, de Subrahmanyam (1997), Gruzinski (2014), Paiva (2015) e Ivo (2015) buscou-se refletir sobre a diluição das designações referentes a categoria “qualidades” em uso neste lado do Atlântico desde as conquistas ibéricas. Por conseguinte, a análise do *corpus* documental (testamentos, inventários *post-mortem*, processos judiciais, correspondências oficiais do século XIX e obras de intelectuais da época) em diálogo com a historiografia, tem evidenciado que, embora fosse usada nas relações cotidianas e em momentos de tensão, as designações que se referiam às gentes de menor qualidade (cabra, crioulo, mulato, curiboca, dentre outras) foram substituídas nos registros oficiais pelas categorias preto, caboclo e, especialmente, pardo. A diferença era que, no novo contexto, elas estavam imbuídas das teorias racialista baseadas no darwinismo social e no cientificismo, ou seja, elas foram ressignificadas para atender aos pressupostos do conhecimento científico da época, que apesar de suas diferentes perspectivas, em linhas gerais, defendiam a superioridade cultural dos europeus Ocidentais em relação aos africanos e latino-americanos. Essas ideias foram bem acolhidas em instituições de ensino e pesquisa e em conferências “populares” no país, onde modelos alternativos de análises foram propostos por intelectuais egressos ou pertencentes aos seus quadros de profissionais. A mestiçagem foi um dos principais temas de análises nesses espaços, ademais, era mal vista pelas potências Ocidentais, tendo se tornado o grande entrave para que o país adentrasse no rol do “mundo civilizado” e, portanto, era incompatível com a modernização do país. Como não havia

possibilidade de negar o grau de mestiçagem do povo brasileiro, o grande desafio desses intelectuais era encontrar caminhos para superá-lo o mais rápido possível.

**Palavras-chave:** Mestiçagens; Teorias racialista e Modernização.